

**Recensões e notícias
bibliográficas**

Aires A. Nascimento, *S. Vicente de Lisboa: legendas, milagres e culto litúrgico (testemunhos latinomedievais)*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2011, 160 pp., ISBN: 978-972-9376-21-4.

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO¹

Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro

Este livro, como nos é explicado no *Preâmbulo*, retoma, desenvolve e aperfeiçoa trabalhos anteriores do autor sobre tema conexo, mas incorpora também novos elementos, nomeadamente, os resultantes da descoberta de um fragmento textual que tem implicações diretas na temática em estudo.

O autor pretende valorizar o trabalho de edição e tradução dos vários textos sobre as legendas e os milagres de S. Vicente e, deste modo, a estrutura do livro aparece claramente condicionada por essa ideia, apresentando um preâmbulo (pp. 7-24) simbolicamente assinado a 15 de setembro, dia da chegada das relíquias de S. Vicente a Lisboa e uma introdução (pp. 25-89), onde apresenta as várias problemáticas relacionadas com o tema, passando, nomeadamente, por problemas históricos, culturais, litúrgicos, codicológicos, de estabelecimento de texto, etc..

No que se refere aos textos que são o cerne deste trabalho, o autor apresenta-nos quatro: o de Mestre Estêvão, o de um autor anónimo, o do passionário hispânico e o relato de Fernando, arce-diago de Lisboa. Todos estes textos são apresentados, lado a lado, na sua versão latina e em cuidada tradução portuguesa. A versão latina é ainda enriquecida com a disponibilização de variantes e com uma leitura crítica por parte do autor que não se coíbe de fazer a sua interpretação do texto, quando necessário, e mesmo de nos manifestar as suas dúvidas, quando isso se justifica. A tradução portuguesa aparece complementada com notas à tradução que abordam várias problemáticas propiciadas pelo texto em causa.

Trata-se de um trabalho muito bem conseguido que disponibiliza uma visão concertada do tema tratado, permitindo também,

¹ jtorrao@ua.pt

com a disponibilização do texto latino acompanhado de tradução, que os leitores não conhecedores de latim, possam acompanhar todo o processo de estudo e conclusões apresentados pelo autor.

Chamaria, apenas, a atenção para alguns aspetos relacionados com a forma, que talvez permitissem tornar mais fácil a consulta deste livro para os desconhecedores da língua latina.

No preâmbulo e na introdução, há, como é natural, dada a temática em estudo, referências para textos latinos, nomeadamente em notas de rodapé. Ora, em alguns casos, essas referências estão apenas em latim, não incluindo uma tradução portuguesa. E se, em alguns casos, este leitor específico, ainda pode ir à parte final do livro para conferir a tradução do texto apresentado², já em outras, isso não é possível atendendo a que também são apresentados alguns textos que não fazem parte da edição³. Parece-nos que seria mais útil para o leitor que estes textos fossem apresentados em tradução portuguesa.

Como dissemos, o texto latino e a tradução portuguesa são apresentados lado a lado, mas, ao contrário, do acontece em situações do género, este lado a lado não é respeitado em alguns casos, chegando a acontecer que a tradução portuguesa só apareça duas e até quatro páginas depois (cf. o XIº milagre cujo texto latino começa na página 108 e se prolonga pela 109, mas a tradução portuguesa só começa no final da página 111 e continua na 113).

Ainda a nível formal, há também uma descoordenação entre o início do XIº milagre no texto latino e na tradução portuguesa. De facto, o texto latino apresenta o início deste milagre dois parágrafos antes do que vai acontecer no texto em português.

Trata-se de aspetos meramente formais e que só nos merecem uma chamada de atenção porque consideramos que este livro, pela sua essência, será de extrema utilidade para um conjunto de

² Veja-se. *e.g.*, a nota 74 da página 38. Sublinhe-se, no entanto, que o texto apresentado em nota não é igual ao texto que surge na edição (cf. p. 94), nomeadamente na escolha de uma das lições textuais — *propenso / perpresso*.

³ Veja-se a nota 63 da página 24.

peessoas que não sabem muito latim e que assim poderão ter maior dificuldade em acompanhar o texto e a respetiva tradução.

Sublinhe-se, a terminar, e sem sombra de dúvida, a enorme importância deste livro para o estudo das temáticas em causa.

Tomás Pereira. Obras. Coordenação de Luís Filipe Barreto; tradução de latim para português de Arnaldo do Espírito Santo; leitura, transcrição e notas de Ana Cristina da Costa Gomes, Isabel Murta Pina e Pedro Lage Correia. Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, I. P., 2011. Vol. I: 745 pp., ISBN: 978-972-8586-27-0; Vol. II: 258 pp., ISBN: 978-972-8586-28-7.

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO⁴

Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro

Saúda-se a saída destes volumes que vêm apresentar aos estudiosos um riquíssimo material de trabalho o futuro.

Trata-se de um vastíssimo conjunto de documentos que graças à parceria entre todos os intervenientes na sua publicação (ao nível da coordenação, ao nível da leitura e interpretação dos documentos e ao nível da tradução para português dos textos que estavam em latim) irão, seguramente, permitir o melhor conhecimento desta figura singular da nossa história cultural, o P. Tomás Pereira, quer de toda a problemática que envolveu a sua longa e profícua permanência na China, que nos é apresentada sob o seu prisma pessoal, permitindo, agora, o confronto com outras fontes de modo a, com mais rigor, se ficar a conhecer esta época e as ações desenvolvidas pelos portugueses e pela Companhia de Jesus neste país longínquo e marcado pelo exotismo.

De facto, tendo sempre por base a experiência pessoal do autor, vamos tendo conhecimento de todo um conjunto de situações que engloba as relações institucionais com as autoridades chinesas, os meandros da vida em comunidade, as relações algo conflituosas entre alguns membros da comunidade, as intrigas, as queixas e as respetivas defesas perante os superiores hierárquicos

⁴ jtorrao@ua.pt

e muitos outros aspetos que nos permitem ficar com um retrato muito interessante da vida quotidiana destas pessoas na China.

Sublinhe-se desde já (e aplauda-se o muito meritório trabalho realizado) a difícil leitura do texto, a dificuldade de interpretação — que deriva, entre outras coisas, de o autor utilizar, muitas vezes, uma espécie de código, já que pretendia enviar um texto quase codificado — e a problemática da tradução de um texto latino que está dependente, das duas indicações anteriores.

Estes dois volumes apresentam um vastíssimo conjunto de documentos de que nos permitiremos sublinhar os seguintes:

O primeiro volume, antes da documentação específica, para além de uma *Nota prévia* que enquadra todo este projeto (pp. 17-19), apresenta uma *Introdução às cartas latinas* (pp. 20-42) e uma *Nota Metodológica* (pp. 43-47) a que são acrescentadas as *Siglas e abreviaturas*. Seguem-se 11 *Documentos biográficos* (pp. 49-66) e 151 *Cartas* (pp. 67-745)

O segundo volume, para além de uma breve *Nota metodológica* (p. 7) e das *Siglas e abreviaturas*, apresenta 10 *Documentos* (pp. 9-237), e, além disso, um *Índice remissivo* (pp. 239-258) com mais de 450 entradas em que houve o cuidado de fazer remissões internas no caso em que uma mesma referência aparecia identificada de várias formas.

Seja-me permitido, no entanto, duas pequenas observações que, na minha opinião, poderiam ter ainda melhorado esta obra.

A primeira tem a ver com a utilização de palavras chinesas, sobretudo no primeiro volume sem nos ser indicado, em nota, por exemplo, o significado da palavra. Como é óbvio, o contexto permite ficar com uma ideia, pelo menos em termos aproximados, mas seria um enriquecimento para a obra se o significado aparecesse de forma explícita, nomeadamente em nota de rodapé (cf. a título de exemplo, *Tsumto* (p.125), *Fuma* (p. 128), etc.).

A segunda tem a ver com a forma como foi organizada a apresentação: seguiu-se a ordem cronológica e até se compreende esta opção. Acontece, porém, que um mesmo documento apre-

senta algumas vezes diferentes cópias que até se concretizam em diferentes versões e em diferentes datas. Talvez não tivesse sido pior para o leitor se, a nível da organização, tivesse sido possível criar um código que nos remetesse claramente para o enquadramento paralelo que estes documentos nitidamente apresentam.

Stefano Pittaluga (ed.), *Scuola e trasmissione del sapere tra tarda antichità e Rinascimento*. Genova, Pubblicazioni del D.AR.FI.CL.ET. n.234, 2009, 132 pp., ISSN: 0025-0852.

CARLOS DE MIGUEL MORA⁵

Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro

Bajo este título se reúnen seis trabajos que son resultado de un proyecto de investigación de la Universidad de Génova que llevaba el mismo nombre. El editor de este volumen es Stefano Pittaluga, profesor de literatura medieval en el D.AR.FI.CL.ET de la Università degli Studi di Genova y especialista en textos neolatinos. Como autores, aparte del Prof. Pittaluga, se cuentan las Prof^{as}. Lucia Di Salvo, Mariarosaria Pugliarello, Maria Franca Buffa Giolito, Paola Busdraghi y Silvana Rocca. La obra supone una extraordinaria aportación al estudio de la transmisión del conocimiento en general del latín culto en particular desde la antigüedad tardía hasta los tiempos del neoclasicismo, en el siglo XVIII.

Stefano Pittaluga abre los capítulos con un trabajo sobre la escuela y el enciclopedismo en la antigüedad tardía. Relacionando los dos conceptos, pone de manifiesto que el proyecto enciclopédico de San Agustín atendía a una finalidad didáctica tornada necesaria por la revolución cristiana, por lo que intentaba recuperar el *curriculum studiorum* varroniano para adaptarlo a la formación del intelectual cristiano. El proyecto de Boecio, en cambio, no estaría vinculado a la didáctica y sí a la corriente filosófica más elevada que intenta una pura jerarquización del saber humano. Pittaluga emplea explícitamente la división de Louis Holz sobre las corrientes del enciclopedismo para encuadrar los proyectos

⁵ cmm@ua.pt

enciclopédicos más importantes de este momento de la historia, los de San Agustín, Boecio y Casiodoro. Este último realiza una distinción entre *techne* (*artes* como gramática, retórica y parte de la dialéctica) y *episteme* (*doctrinae* o ciencias como la otra parte de la dialéctica, aritmética, música, geometría y astronomía). Este encuadramiento le sirve para analizar la obra anónima *Historia Apolonii regis Tyri* en sus planteamientos didácticos, análisis que ocupa la parte final de su artículo. Lucia di Salvo hace una revisión de la poesía latina tardoantigua para indagar las referencias a docentes y discentes en ella, de modo a tener una perspectiva diferente que nos ayude a comprender la realidad de la enseñanza en la antigüedad tardía. Analizando poemas de Ausonio, de la colección de los *Epigrammata Bobiensia*, de la *Anthologia Latina*, de Dracontio, Deuterio, Prudencio, Paulino de Nola o Paulino de Pella encuentra muchos datos relativos a profesores y maestros. Y aunque la mayor parte nos dice más de los valores morales y afectivos de estos que de sus métodos de enseñanza, consigue llegar a conclusiones interesantes sobre los castigos corporales y las opiniones sobre el equilibrio adecuado entre tiempo de estudio y tiempo libre. Mariarosaria Pugliarello estudia los retoques de Servio a las *Artes* de Donato, aunque también incluye en su estudio a otros autores, de entre los que destacan Sergio y Pompeyo, de quienes conjetura con bases verosímiles que consultaron e incorporaron una obra más extensa de Servio que la que conservamos (el *Seruius plenior* de Jeep). Su estudio la lleva a interesantísimas conclusiones sobre las dificultades surgidas en el intervalo de tiempo entre Donato y Servio por la propia evolución de la lengua, como la distinción entre *e* larga y *e* breve. Muchas de estas aclaraciones de Servio tendrían una finalidad claramente didáctica. Maria Franca Buffa Giolito presenta un exhaustivo estudio sobre las citas virgilianas del *De nomine* de Consencio, realizando una profunda división taxonómica sobre su uso y comparando estos ejemplos con los de otros gramáticos. Un estudio tan pormenorizado hubiera merecido tal vez unas conclusiones más extensas, para comprender

mejor las deducciones a que llega la autora. Paola Busdraghi centra su análisis en el empleo de una de las historias ovidianas que tuvo más éxito en la Edad Media, la de Píramo y Tisbe. Su estudio se basa en una comparación minuciosa entre el fragmento de las *Metamorfosis* ovidianas y la reformulación de la fábula por Mateo de Vendome. La autora defiende que el poeta francés carga su obra con el componente de la *utilitas* y que con ese objetivo se añaden los juegos retóricos que podemos ver en su composición. Finalmente, Silvana Rocca nos habla de la enseñanza del latín en la Europa de los siglos XVII y XVIII. Con el objetivo de analizar las características de esta enseñanza, la autora comienza por dibujar el trasfondo lingüístico y educativo de la Europa del neoclasicismo, para comparar a continuación el relato de Tito Livio sobre Horacio Cocles con el de tres autores setecentistas de marcada o incluso expresa intención didáctica, J. Heuzet (*Selectae e profanis scriptoribus historiae*), M. Vanière (*Cours de Latinité*) y el abad Charles Francois Lhomond (*De viris illustribus urbis Romae*). La comparación permite a Rocca establecer bajo qué presupuestos lingüísticos y con qué intenciones pedagógicas alteran estos autores el texto liviano.

Los seis trabajos son de un rigor y erudición indiscutibles y resultarán una útil herramienta para cualquier estudioso de la transmisión del conocimiento en la Edad Media. Cabe quizá cuestionar la pertinencia del título. No hemos localizado ninguna referencia a la época renacentista, salvo que este término se utilice en un sentido exageradamente amplio. Bien se esfuerza el Prof. Pittaluga por demostrar, en el preámbulo, la coherencia del conjunto de artículos, pero apenas se puede disimular que cuatro trabajos de los seis tratan de la Antigüedad tardía, que el quinto salta al siglo XIII y que el último queda un poco desplazado cronológicamente de los anteriores, tratando textos dieciochescos. A pesar de esta disparidad cronológica, la unidad temática y la calidad de los textos hacen muy recomendable su lectura.

Giuliana Ragusa, *Lira, Mito e Erotismo. Afrodite na Poesia Mélica Grega Arcaica*. Campinas SP, Ed. Unicamp, 2010, 661 pp. (ISBN 978-85-268-0917-8)

MARIA FERNANDA BRASETE⁶

Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro

Esta obra dá seguimento a um ambicioso projeto de investigação iniciado e desenvolvido por Giuliana Ragusa, desde meados da década passada, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, Departamento de Letras Clássicas e vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

Depois da publicação de *Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo* (2005) a especialista brasileira que, ao longo destes anos, se tem dedicado a um estudo contínuo e rigoroso da representação de Afrodite na antiga poesia de Lesbos, dá provas, no volume em epígrafe, de um trabalho de investigação escrupuloso, bem articulado e profusamente documentado no âmbito do estudo de outros poetas da lírica arcaica grega, além de Safo. O objetivo principal desta obra, que a própria A. apresenta, na secção preliminar de "Agradecimentos", como uma «versão revisada, com acréscimos e atualizações da tese de doutoramento», defendida no ano de 2008, é retomar o percurso de investigação que tem desenvolvido em torno da representação da figura de Afrodite na «*mélica* arcaica grega», alargando o *corpus* textual a «cinco poetas mélicos e dezassete fragmentos»: Álcman (1,58,59^a Dav.; Alceu: 411, 296(b) e 380 Voigt; Estesícoro: S 104 e S 105 ; 223 Dav.; Íbico: S 151, S 257(a) (fr.1, col.i), 286, 287, 288 Dav.; e Anacreonte: 346 (fr. 1), 346 (fr.4) e 357 P (p. 17-18). Na secção introdutória, que aparece sob a designação de "Abertura", retomando, tão a propósito, um termo da linguagem musical, a A. examina sucintamente a complexidade e a pertinência do seu estudo, justificando a metodologia adotada e esclarecendo os critérios

⁶ mbrasete@ua.pt

seguidos nas transliterações do grego para português, bem como nas traduções apresentadas (p.19 e n. 5).

O excelente e profuso estudo que a investigadora brasileira apresenta agora nesta publicação, divide-se em duas partes principais, que, em sintonia com o contexto primordial da lírica/mélica grega arcaica, são sugestivamente designadas por «Primeiro Movimento — Duas delicadas composições» e «Segundo Movimento — Cinco temas para Afrodite», rematadas por um «Ensaio de Conclusão», a que se seguem ainda uma extensa e atualizada lista (52 páginas) de «Bibliografia Consultada», organizada alfabeticamente, e dois «Apêndices» (1. «Texto grego e tradução dos 17 fragmentos do *corpus*»; 2. «Texto grego e tradução de outros fragmentos mélicos dos poetas do *corpus*»). Além de bem concebida e estruturada, esta obra corresponde cabalmente às expectativas criadas pelos objetivos enunciados no início, dando provas de que assenta num trabalho sério e muito rigoroso de pesquisa original, que equaciona novas perspectivas de análise da obra lacunar dos cinco poetas mélicos em apreço.

No «Primeiro Movimento — Duas delicadas composições» os enunciados dos dois capítulos que o compõem (1. «Enredos de um objeto: em torno da mélica grega arcaica»; 2. «Cinco poetas e seus enredos: problemas de classificação e de abordagem») prenunciam, de imediato, toda a problemática subjacente à terminologia antiga e remanescente na teorização moderna, relativamente a classificação dos géneros “líricos” gregos, ou seja, os que não se incluíam na poesia hexamétrica e na poesia dramática da época arcaica. Trazendo à colação os argumentos aduzidos por uma plêiade de autores consagrados no debate das questões genológicas associadas a “lírica” arcaica grega (nomeadamente R. Pfeiffer, M. Lefkowitz, B. Gentili, E.L. Bowie, D. E. Gerber, F. Budelmann, entre muitos outros) a A., para evitar a ambiguidade e os equívocos gerados em torno do vocábulo “lírica”, que só se tornou corrente na era helenística, explicita a sua opção terminológico-semântica de utilizar, em substituição, o termo “mélica”,

atendendo ao seu sentido antigo «que mantém a distinção entre esse género e a elegia e o jambo, o epigrama» (p. 30), e também ao facto de que era esse «o termo em voga entre os gregos da época clássica» (p.32). Além de uma análise circunstanciada do léxico grego antigo que, no decurso dos tempos, foi sendo utilizado para designar as composições poéticas produzidas, executadas e divulgadas numa cultura oral-aural, muito distante e distinta da moderna conceptualização de literatura, constituem também objeto de discussão outros tópicos relacionados com o peculiar contexto *performativo* da mélica arcaica, como por exemplo: a polémica divisão entre poesia monódia e coral, inspirada no célebre passo das *Leis* (764 d-e) de Platão; as ocasiões, públicas ou privadas, religiosas ou mais secularizadas, em que esses géneros de cantos poéticos eram executados (simpósios, festivais cívico-religiosos, competições, funerais, bodas); a complexidade de interpretações relacionadas com a inserção da 1.ª pessoa do singular (*ego* lírico), e, em especial, quando se assumia como uma voz feminina; e, evidentemente, o conhecimento lacunar de um *corpus* não só fragmentário, mas também precário, tendo em consideração as descobertas papirológicas mais recentes (e.g.: fragmentos de Estesícoro, de Íbico ou mesmo de Safo). As dificuldades de categorização das obras de Álcman, Estesícoro e Íbico e a problemática utilização da 1.ª pessoa do singular nas canções de Alceu e de Anacreonte permitiram à A. uma breve revisitação crítica e atualizada da obra destes poetas e do contexto em que foram produzidas.

O «Segundo Movimento — Cinco temas para Afrodite», que constitui a segunda parte desta obra, desenvolve-se ao longo de cinco capítulos: 3 — «Afrodite em Esparta: mito, crime e castigo no “Partênio” (Fr. 1 Dav.), de Álcman»; 4 — «Afrodite em Troia: o ciclo mítico revisitado em Estesícoro e Íbico», (Estesícoro, Frs. S 104 e S 105 (Saque de Troia), 223 Dav.; Íbico, Fr. S 151 Dav.); 5 — «Uma deusa nutriz: Afrodite e belos meninos, em duas canções de Íbico», (Fr. 288 Dav.; Fra. S 257(a) (fr.1, col. I) Dav); 6 — «Paisagens de Afrodite: três poetas, quatro quadros (Alceu, Frs. 41 e 296 (b)

Voigt; Íbico, Fr. 286 Dav.; Anacreonte, Fr. 346 (fr. 1); 7— «Afrodite, Eros e suas vítimas: quatro poetas, seis tramas (Alcmán, Frs. 58 e 59 (a9 dav.; Alceu, Fr. 380 Voigt; Íbico, Fr. 287 Dav.; Anacreonte, Frs. 346 8fr.4) e 357 P.

Procedendo a uma exegese esclarecedora e rigorosa do célebre fr. 1 de Álcman, vulgarmente conhecido como *Partheneion* do Louvre, onde a atribuição da autoria, questões de ecdótica, estudos métricos, discussões sobre a sua *performance* original são objeto de comentário crítico modelarmente articulado com a minudente análise temático-estilística da intrincada estrutura deste fragmento lacunar, enriquecida ainda pelo cotejo estabelecido com textos de outras épocas da literatura grega. Em causa está a interpretação da imagem de Afrodite nessa canção, provavelmente coral, ao nível do contexto mítico em que se insere e no que concerne à reflexão moral que se pretende veicular. No capítulo seguinte, cujo cenário é Tróia, as alusões à deusa da sexualidade são perscrutadas, com grande acuidade e rigor em três fragmentos muito lacunares de Estesícoro (que pertenceriam, possivelmente, a poemas extensos, destinados à execução coral ou citaródica) e na célebre “Ode a Polícrates”, de Íbico. De salientar, o amplo enquadramento filológico-temático, completado por elucidativas leituras intertextuais, que a A. fornece dos textos em apreço, que, na sua opinião, parecem associar, em tons diferentes a deusa «Ciprogênia» ao rapto de Helena. Através de uma linguagem mais *epicizante*, em Estesícoro e numa modulação encomiástica de matiz erótica, em Íbico, as imagens de Afrodite e de Helena convergem para representar a força destrutiva da beleza feminina superlativa, tradicionalmente considerada a *causa belli* que levou à destruição de Troia. Do encómio da beleza se nutre o Capítulo 5, dedicado à análise de dois fragmentos de Íbico, considerados exemplos de *paidikia*, cantos encomiásticos de um adulto à beleza sedutora de um menino (*pais kalos*). Tanto o encómio de Euríalo, fr. S 225 (a) (fr.1, col.i), como o fr. 228 Dav. versam o amor pederástico, considerado também uma prerrogativa de Afrodite, isto é, uma forma

de *aphrodisia* (p.355), apesar de ensombrado por ressonâncias sáficas (especialmente do fr. 130 Voigt, que define Eros como *glykypikros*, 'doce-amargo') na descrição da experiência da paixão (emanada do olhar da *persona* poética) que brotava dos olhos sedutores e da imagem bem nutrida (num sentido metafórico) do menino amoroso. De notar que Íbico acrescenta um novo sintoma às *patologias* da paixão erótica — a insónia (p. 376) —, e que irá ser retomado por autores posteriores. No que se refere à ocasião da *performance* destes fragmentos, se bem que não se possa rejeitar liminarmente a execução coral, o simpósio palaciano seria, na opinião da A., o espaço mais apropriado. No capítulo 6, dedicado às «Paisagens de Afrodite», os fragmentos selecionados de Alceu, Íbico e Anacreonte demonstram como a imagem de Afrodite transpõe o domínio da metáfora para se converter em *moldura* de canções de carácter ritual e festivo, que, no caso dos fragmentos de Alceu, poderiam conciliar uma estrutura hínica (provavelmente simposiástica) a uma temática erotizada, colorida e perfumada por elementos da natureza. No fr. 286 Dav., de Íbico, a apóstrofe de Afrodite evoca as suas prerrogativas (beleza, sedução, sexualidade) num cenário homoerótico, típico de um *paidikion*, talvez de carácter ritual, com jovens perfumados de ambrosia e coroados de grinaldas. Também um canto encomiástico de um adulto a um *pais kalos* é o fr. 286 Dav., de Íbico, cujos versos conservados constituiriam o preâmbulo. O contexto do fragmento preservado é inequivocamente erótico e a experiência amorosa, indiferente às variações sazonais, é descrita num cenário em que «a natureza se expande fértil e fecunda, plena de perfumes, cores e sabores...» (p. 396). Da análise circunstanciada e bem documentada do complexo fr. 346 (fr.1) de Anacreonte ("Ode a Herotima"), conclui-se que a imagética configura uma natureza sacropoética, matizada e odorífera, intensamente sensual, cujos espaços, pulsantes de vida, se abrem e fecham ao longo das estrofes que vão do elogio ao vitupério. As flores e os animais, em particular os cavalos, recobrem, neste fragmento, sentidos metafóricos inspirados na tradição

mítico-poética, mas que acompanham o crescendo da ode que da imagem da *parthenos* progride para a imagem da *porne*, o que, segundo a A., pode ajudar a compreender o sentido da presença de Afrodite (p.437). Às vítimas de Afrodite e de Eros se dedica o sétimo capítulo, o último deste «Segundo Movimento». Nesta «viagem final pelas ruínas da mélica arcaica» (p. 439), a A. analisa seis fragmentos de quatro dos poetas: Álcman, Alceu, Íbico e Anacreonte. No centro da sua reflexão crítica está a utilização da 1.^a pessoa do singular para «retratar a ação de Afrodite e/ou Eros» (p. 439). Nos dois fragmentos de Álcman (Frs. 58 e 59 (a) Dav.) a A. centra-se na questão que se prende com a relação de Afrodite e Eros, representado com um menino brincalhão mas poderoso, porque divino. Apesar de no dístico do fr. 58 os movimentos de Eros ocorrerem na ausência de Afrodite, o sentido, mesmo que metafórico, da sua associação a Afrodite é intrigante, tendo em conta que esta imagem de Eros como um menino-brincalhão é muito rara nas épocas arcaica e clássica, além de que o seu culto data somente da época helenística. Depois de examinar as interpretações de autores consagrados como Calame, Easterling ou Rosenmeyer, a A. confessa a dificuldade em perceber esta relação/distinção. No Fr. 59 (a) Dav., os problemas de interpretação esbatem-se, na medida em que Eros/Amor atua, em função dos desígnios de Afrodite. Discutidas, são ainda as supostas modalidades de execução destes dois fragmentos. Relativamente às três palavras preservadas no fr. 380 Voigt de Alceu, a dúvida centra-se na pessoa da voz poética: 1.^a pessoa do singular ou do plural? Menos problemática é a relação hierárquica entre Afrodite e Eros, no famoso fr. 287 Dav., de Íbico: é a deusa que domina e eros. O Fr.346 (fr.4) P, de Anacreonte, que tem suscitado muitas dúvidas em termos textuais, pressupõe que a ação de Afrodite se articula com a de Eros em torno das suas vítimas e, «lendo metaforicamente a canção, temos que ela canta mais um episódio de confronto amoroso na arena da sedução em que a *persona* da mélica de Anacreonte é sempre o *erastes*, o amador, a perseguir os objetos

dos seus desejos» (p.517). Um estudo detalhado do fr. 357 P — o “Hino a Dioniso” — encerra este último capítulo. Salientamos apenas que a representação de Afrodite neste fragmento anacreônico alia a figura de Eros ao *modus operandi* divino de subjugarem a vítima que atingem com um desejo erótico irresistível. A maior questão que se coloca prende-se com a «singular junção Afrodite-Dioniso na mélica grega» (p. 551) que a A. examina com cuidado e precisão, mas para concluir que se trata de uma associação com «contornos descontínuos e imprecisos» (p. 550).

A finalizar esta volumosa publicação, surge um «Ensaio de Conclusão» que tem por objetivo apresentar «uma síntese comparativa dos estudos da representação de Afrodite de Álcman a Anacreonte» (p.559). Atendendo ao caráter lacunar e precário do *corpus* analisado (inclusive a mélica de Safo, estudada numa publicação anterior já citada, *Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo*), a A. reconhece a impossibilidade de se considerar concluída esta investigação que intentou — com grande proficiência e rigor, diga-se — um trabalho de (re)composição de canções monódicas e corais da época arcaica grega que testemunham a importância da representação de Afrodite. De registar, porém, que uma obra desta magnitude e tanto cuidado no que diz respeito ao rigor filológico, não apresenta, no final, índices remissivos que seriam, certamente, preciosos instrumentos de trabalho para qualquer leitor, porque contribuiriam para facilitar a tarefa de leitura a uns, e estimular a abertura de novos horizontes, a outros.

Em conclusão, esta obra de Giuliana Ragusa dá provas das qualidades notáveis da investigadora que oferece ao leitor, helenista ou não, uma perspetiva plural e alargada, sistemática e rigorosa, bem fundamentada no estudo das fontes e atualizada de um tema que incentiva a prossecução do estudo da antiga literatura grega. Só é pena que não se vislumbre uma edição portuguesa deste excelente estudo, e que é também exemplar, em termos de investigação, no domínio dos estudos clássicos

Giuliana Ragusa, *Safo de Lesbos. Hino a Afrodite e outros Poemas*. São Paulo: Hedra Ltda., 2011, 134 pp. (ISBN 978-85-7715-237-7)

MARIA FERNANDA BRASETE⁷

Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro

Numa primeira impressão, a obra em epígrafe pode parecer um livrinho de bolso, com um intuito predominantemente pedagógico e de divulgação da poesia de Safo, a um público menos conhecedor da poetisa de Lesbos. Não estamos, contudo, perante uma obra menor, como facilmente atestam a leitura atenta das 55 páginas que compõem a “Introdução”, a lista de uma bibliografia atualizada e criteriosamente selecionada que precede a segunda parte desta monografia que incorpora a tradução, muitas vezes acompanhada de comentário e notas, do célebre “Hino a Afrodite” e de outros poemas da poetisa de Lesbos.

Na “Introdução”, através de uma exposição clara e bem fundamentada, a A. “revisita”, com um espírito de síntese notável, os tópicos comumente arrolados à *vexata quaestio* da figura e da poesia de Safo. A problemática inerente à caracterização da tradicionalmente denominada “lírica” arcaica, bem como as dúvidas suscitadas pelos testemunhos biográficos que nos chegaram ou todo o plexo de questões decorrentes do carácter fragmentário da obra da mais antiga poetisa grega, constituem os eixos temáticos que sustentam as seis secções introdutórias desta obra, cujos títulos, no entanto, não figuram no Índice: «Safo revisitada: viagem pela poesia grega antiga»; «O problemático nome “lírica”»; «Em busca de Safo: poeta de Lesbos»; «A mélica de Safo»; «A “lírica” de outras poetisas» (1. Grécia Clássica: Mirtes, Praxila, Telessita (e Corina?); 2. Grécia Helenística: Moiró, Erina, Anite e Nóssis); «A Transmissão mélica de Safo».

Apesar de se utilizar correntemente o termo “lírica” para referir a poesia grega arcaica não hexamétrica, a A. defende a sua

⁷ mbrasete@ua.pt

preferência pela utilização do termo «*Mélica*, essa palavra não dicionarizada em nosso vernáculo (...) que os antigos identificavam à Lírica, rigorosamente o gênero da canção para a lira» (p. 15). Na abordagem da «intrincada trama biográfica» (p.24) da mulher-poeta de Lesbos e do contexto performativo da sua poesia, «inserida e movida, culturalmente no seio de um sistema de comunicação oral» (p. 39), muito distanciada, portanto, da prática de leitura solitária e silenciosa, a A. apresenta uma panorâmica, muito bem documentada na bibliografia especializada, dos principais tópicos que têm norteado os estudos da “mélica” de Safo: os ecos homoeróticos de uma poesia que emerge de um universo feminino, não identificável com a moderna categorização de *lesbianismo*; a sempre complexa inserção da 1ª pessoa do singular num canto poético (especialmente quando monódico) composto «de e para a voz» (p. 38), que não veiculava um tom confessional e muito menos biografista; os espaços privados e públicos a que as *performances* dessas «canções» (p. 43) se destinavam.

Cumprindo o seu intuito preliminar de demonstrar que «Safo não é o único nome feminino da poesia da Grécia Antiga» (p. 9), a A. termina a “Introdução” desta monografia com uma referência concisa mas elucidativa à obra muito fragmentária das outras oito mulheres-poetas gregas, nomeadas no livro IX do epigrama 26 da *Antologia Palatina*: da época clássica, Mirtes, Praxila, Telessila e Corina (aceitando a sua datação no século V.a.C.); da época helenística, Moiró, Erina, Anite e Nóssis.

Na última secção, intitulada “Hino a Afrodite e outros poemas”, este volume alberga a tradução do único poema de Safo que a tradição nos legou na íntegra e de mais 77 fragmentos de extensão muito variável, repartidos por títulos muito sugestivos («Afrodite», «Eros», «Ártemis», «As Cárites ou “Graças”», «Eos, a Aurora», «Cenas Míticas», «Canções de Recordação», «Desejos», «Dores de Amor», «Imagens da Natureza», «O cantar, as canções e as companheiras», «Epitalâmios: canções de casamentos», «Festividades», «Vestes e Adornos», «Cleis», «Reflexões ético-

-morais»; e por último, «Canção sobre a Velhice»: novo fragmento»). Abonam a seriedade científica deste trabalho e o labor de tradução, os comentários e as notas de rodapé que, além de referirem e comentarem as fontes textuais e a bibliografia selecionada, compendiam informações de índole histórica, geográfica, mitológica, poético-temática, genológica ou retórico-estilística, que apoiam e estimulam a leitura dos fragmentos traduzidos.

De longe nos chega esta obra que, tanto pelo estudioso da antiga poesia grega como pelo leitor comum de língua portuguesa, poderá ser lida, com muito agrado e proveito, pelo facto de expor uma excelente perspetiva sobre a personalidade literária de Safo, o contexto em que as suas «canções» (o termo preferido da autora) foram compostas e o valor poético-cultural de uma obra fragmentária que sobreviveu à erosão dos tempos e constitui, ainda hoje, uma referência incontornável na Literatura europeia.

Rodrigo de Castro, *O Médico Político ou tratado sobre os deveres médico-políticos*. Tradução de Domingos Lucas Dias e revisão científica de Adelino Cardoso. Apresentação de Diego Gracia. Lisboa, Edições Colibri, 2011 — 302 pp. ISBN: 978-989-689-096-4 [Coleção Universalia, Série Ideias 7].

ANA MARGARIDA BORGES⁸

Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro

No âmbito do projeto PTDC/FIL/64863/2006 — Filosofia, Medicina e Sociedade, coordenado por Adelino Cardoso, veio a lume, em março de 2011, a primeira tradução portuguesa da obra *Medicus Politicus* (1614), da autoria do insigne médico humanista Rodrigo de Castro (1546-1627), *alias* David Namias.

A obra apresenta quatro livros divididos por capítulos. Uma análise global sustenta a perceção de que os livros primeiro e segundo revestem-se de um carácter mais teórico e os livros terceiro e quarto assumem uma feição mais pragmática. O livro primeiro, com 12 capítulos (páginas 29 a 69), assume um carácter

⁸ amborges@ua.pt

realmente programático, pois apresenta o argumento, o propósito e as concepções do autor relativamente à medicina, constituindo uma introdução à restante obra. Por sua vez, o livro segundo, num total de 15 capítulos (páginas 81 a 136), centra-se na formação do médico, com exploração, entre outras considerações, das diversas áreas científicas e da relação de autores que devem integrar as leituras de um médico. O livro terceiro ocupa 24 capítulos (páginas 137 a 232) e o quarto 15 capítulos (páginas 233 a 302). Nestes dois últimos livros, aborda-se a relação médico-doente, insistindo, portanto, na vertente mais prática da medicina, sem descurar, no entanto, as reflexões cimentadas na formação teórica.

Contrariamente ao original, que contém logo após a página de rosto um “*Librorum Elenchus*” onde é descrito o tema de cada livro, a tradução não contempla essa apresentação que, por oferecer uma perceção imediata do todo da obra, facilitaria ao consuinte a seleção dos seus temas de leitura.

O original compreende, ainda, um avultado número de notas, registadas metódica e sistematicamente à margem do livro que, ao conferirem-lhe feições de catálogo e, por conseguinte, de uma obra de consulta, permitem ao leitor situar-se relativamente a cada assunto, dispensando leituras integrais. A tradução não dá conta deste tipo de apostilas marginais, que se revelam muito úteis em capítulos mais extensos, como é o caso do capítulo IX do segundo livro, em que, na enunciação do catálogo de livros que deve integrar a biblioteca do médico, se procede a uma divisão temática à margem do texto que rapidamente nos situa no conjunto da bibliografia médica, como mostram alguns exemplos: *Graeci; Hippocrates; Galenus; Hipp. et Galenus praecipui medicina auctores; Latini; Arabes; Qui libri Galeni possint evolvendi; Neoterici scriptores; Anatomici; Scriptores materia herba; Chirurgi; Hist. Naturalia scriptores; Expositores Hipp. et Galeni; Quaestionarii; Qui consilia et epistolas scripserunt; Practici; De morbis particularibus; Dispensatorii; Victus ratione scriptores; Auctores alii extra med. quos medicum; Poetae; De re rustica; Historici; Politici.*

Graficamente atrativo, o livro apresenta-se sob uma capa ilustrada em cuidada harmonia com o tema da obra. Trata-se de uma ilustração retirada da obra *Utriusque cosmi, maioris scilicet* (1617-1624) de Robert Fludd, médico e astrólogo, contemporâneo de Rodrigo de Castro.

Os paratextos iniciais, imediatamente anteriores à tradução propriamente dita, ocupam um total de 22 páginas e incluem, por esta ordem, o índice (4 páginas), a apresentação do livro por Diego Gracia (6 páginas) e um breve estudo introdutório intitulado “A perfeição da arte médica” (12 páginas), da autoria de Adelino Cardoso, revisor científico.

Devemos a Diego Gracia as eruditíssimas explicações que se revelam cruciais para tornar mais inteligível para o leitor dos dias de hoje o título que Rodrigo de Castro deu ao seu livro. O texto de Gracia focaliza-se na interpretação do título, através de uma análise diacrónica de “política”, contrapondo a conceção antiga do termo à moderna. De forma simples, trata-se de avaliar como é que o médico pode alcançar a perfeição ao ajustar as suas condutas individuais às normas da pólis, da comunidade em que vive.

Após um intróito com referências sumárias à biografia de Rodrigo de Castro, Adelino Cardoso, fugindo à segura enumerativa de uma enunciação livro a livro e/ou capítulo a capítulo, sintetiza o conteúdo da obra através de uma análise estruturada em torno de três tópicos: a excelência da arte médica, o *ethos* médico e a relação médico-doente. Na abordagem do primeiro tópico, sob a epígrafe “Uma arte racional”, cita essencialmente os livros primeiro e segundo, com poucas referências aos dois últimos. Seguidamente, sob as epígrafes “Uma ética universal da razão” e “A relação médico-doente” abona as suas reflexões sobretudo no livro terceiro, que abarca o maior número de capítulos. O espaço dedicado a este livro é elucidativo da importância para o autor da vertente prática da atividade médica. Neste livro e no seguinte o autor centra-se no exercício da medicina e no comportamento individual e na relação social do médico, discorrendo não

só sobre métodos de diagnóstico e de cura, mas especialmente sobre os defeitos e as virtudes do médico, apontando os vícios a evitar e as virtudes a cultivar, numa união com Deus que lhe exige elevados padrões morais. A ligação sempre estreita entre medicina e religião, explorada e privilegiada por Adelino Cardoso, constitui um aspeto relevante para considerar o *Medicus Politicus* como uma das mais importantes obras de deontologia médica do século XVII.

Ao admirável texto de Adelino Cardoso poderíamos acrescentar um breve apontamento a propósito da demanda de identidade cultural e religiosa de Rodrigo de Castro, perceptível ao longo de toda a obra. Esta questão, abordada por Florbela Frade e Sandra Silva num estudo intitulado “Medicina e política em dois judeus portugueses de Hamburgo”, foi particularmente estudada por David Ruderman (1995: 293-306), em *Jewish Thought and Scientific Discovery*, onde afirma, inclusive, que se trata de uma obra encomiástica da religião judaica, na qual Rodrigo de Castro coloca vários autores judeus e cristãos-novos a par com as autoridades clássicas. Por ser crucial para o entendimento da obra e do autor, entendemos que este aspeto mereceria um tratamento mais profundo.

A presente publicação veio brindar a comunidade científica e o público em geral com um livro que permanece válido e essencial em diversas áreas do saber, mas, até ao presente, acessível a muito poucos. Trata-se de uma obra que assinala um marco importante na história da medicina, da filosofia, das ciências da vida e na história da ética médica, ao estabelecer um código deontológico do médico com base em práticas e saberes beneditinamente cultivados ao longo de uma vida dedicada à medicina.

Sendo uma obra da autoria de um médico cristão-novo, exilado e fugido ao Tribunal do Santo Ofício, o *Medicus Politicus* constitui, de igual forma, um testemunho importante da história dos judeus sefarditas e da sua ação destacada, desde sempre, enquanto mestres reputados na Arte de Galeno.

Gwenaëlle Aubry & Frédérique Ildefonse (coords.), *Le moi et l'intériorité*, Paris, Vrin, 2008, 384 pp., ISBN: 978-2-7116-2166-8

EDUARDO MACHADO⁹

CEC, Uni. de Lisboa / Bolseiro FCT — doutorando da Université de Rouen

Alguns dos mais prestigiosos especialistas na área da psicologia e da filosofia antigas colaboraram nesta obra que lança as bases de um estudo aprofundado de aspectos relacionados com as noções de “eu”, “interioridade”, “pessoa” e “identidade” na antiguidade.

Os autores concentram-se numa problemática de J. P. Vernant¹⁰, famoso historiador e antropólogo que consagrou grande parte da sua vida ao estudo da especificidade do homem grego e dos seus mitos. A partir de uma classificação dos géneros literários em a) biografia=indivíduo; b) autobiografia ou memórias=sujeito; e c) confissões ou diários=o “eu”, Vernant nota que o último género, baseado em experiências psicológicas complexas de uma “vida interior”, é simplesmente inexistente na literatura grega, o que o leva a concluir que o “eu” grego não se constrói “*ab interiore*”, mas encontra-se sempre orientado para o exterior. Nega-se assim a possibilidade de aplicação da conceção moderna do “eu”, expressa na relação estreita e unificadora entre o “eu” e o seu “interior”.

O desafio é lançado. Que conceitos alternativos estarão na base da construção da identidade do homem antigo em geral?

A esta luz, os autores questionam-se na primeira parte desta coletânea de dezoito artigos sobre a suposta ausência do **conceito de “eu”** na antiguidade e tentam, numa segunda parte, esboçar, seguindo o desafio lançado por Vernant, uma possível **história das problematizações do interior**.

⁹ macheduardo@googlemail.com

¹⁰ Esta problemática que Gwennaëlle Aubry explica sumariamente na introdução desta obra (pp. 9-11) é lançada por Jean-Pierre Vernant na sua obra *L'individu, la mort, l'amour. Soi-même et l'autre en Grèce ancienne* (Paris 1989), 211-232

Uma reflexão sobre a história da solidão (Loyalza) abre o conjunto de estudos que se baseiam em alguns autores considerados fundamentais para o estudo do “eu”, como por exemplo **Plotino** cujo conceito de — *hemeis* — revela automaticamente um sujeito autoreflexivo distinto da alma e uma manifestação de tomada de consciência não da essência, mas da possibilidade de autodeterminação (G. Aubry); e de conhecimento de si próprio através da memória e pela ação do “intelecto” (W. Kühn). Por seu turno, S. Tribolet apresenta uma leitura lacaniana de Plotino, assente nos conceitos de imagem e linguagem, estabelecendo um paralelo interessante entre — *hemeis* plotiniano — e sujeito lacaniano. **Platão** é outro dos autores privilegiados no que diz respeito à questão da doutrina da tripartição da alma e de uma possível identificação da noção moderna de “eu” com a noção platónica de alma ou de “daimon” (Burnyat). F. Ildefonse estuda a noção estóica de “*idion hegemonikon*” em **Epicteto** e **Marco Aurélio**, tentando definir a abrangência e os limites do elemento diretor do “eu”, nomeadamente na relação com o “outro” e com o cosmos e C. Gill põe em relevo as noções de *introspeção* e de *conversão a si próprio* como exemplos de exercícios terapêuticos práticos introduzidos pelo pensamento helenístico e romano, questionando a sua influência efetiva numa eventual passagem (aliás defendida por outros prestigiados estudiosos como Pierre Hadot et Michel Foucault) entre o que Gill classifica de conceção “objectiva-participante” dominada pela relação indivíduo-comunidade e uma conceção mais próxima da psicologia moderna (p. 84). **Santo Agostinho** e a sua noção de “mestre interior” representam um marco importantíssimo na história da evolução da interioridade e têm também um lugar crucial nesta obra pela análise dos discursos sobre o “eu” e as relações tecidas com o “outro” nas *Confissões* (G. O’Daly) e do significado da fórmula agostiniana de “hiper-interioridade”: “*interior intimo meo*” (I. Koch).

Na segunda parte da obra, tenta-se identificar e especificar alguns marcos importantes na evolução da interioridade. Destaco

dois estudos importantes. Um de Darbo-Peschanski sobre a dualidade do ato (humano-divino) na *Ilíada* e a dualidade do personagem homérico que é sempre concebido como um agente essencialmente social (p. 253). Outro onde Aubry procura esboçar uma história do conceito de "*daimon*" como objectivação da interioridade, mediação interior-exterior.

À exceção de dois artigos dedicados, um às noções aproximadas de coração e de alma nas traduções espanholas do vocabulário ameríndio (A. Surralsés) e um outro à influência da figura de Lutero na evolução da ideia de "interioridade" (P. Büttgen), todos os ensaios são consagrados ao estudo da interioridade na Antiguidade clássica.

A presente obra revela-se fundamental para os classicistas, pois abre novos horizontes a um campo de investigação recente cujo carácter interdisciplinar se impõe à medida que surgem novas problemáticas à volta da questão da "interioridade". Os autores, não sem algumas dificuldades epistemológicas, tentam evitar a aplicação direta de noções herdadas da psicologia moderna à antiguidade clássica, o que por vezes se torna difícil ou mesmo incontornável dado o terreno virgem que procuram explorar e o carácter complexo do projeto em questão. É nesta perspectiva que os autores nos apresentam uma abordagem conceptual interdisciplinar onde a literatura, a filosofia, a antropologia e a psicologia se encontram interligadas e interdependentes. Por outro lado, a complementaridade dos temas abordados contribui para um diálogo entre os autores que tratam da mesma problemática sob ângulos diferentes, definindo-a e alargando-a. Assim, as variadas leituras não perdem em objectividade dado que as análises ganham em coerência, girando à volta dos mesmos autores e problemáticas.

Por fim, a bibliografia apresentada guia o leitor na identificação dos especialistas e na descoberta e exploração do carácter multifacetado das problemáticas relacionadas com a interioridade.

Estamos, então, perante uma verdadeira referência na matéria, que esperamos ser desenvolvida e aprofundada por renovadas contribuições pluridisciplinares num futuro próximo.

M. L. Mújica Rivas, *El concepto de educación de San Agustín*. Pamplona, Eunsa, 2010, 318 pp., ISBN: 978-84-313-2718-7

EDUARDO MACHADO¹¹

CEC, Universidade de Lisboa / Bolseiro FCT — doutorando da Un. de Rouen

Esta obra é o resultado de uma tese de doutoramento sob a direção de J. Laspalas, coautor de uma notável história da educação na antiguidade¹². Neste ambicioso estudo, Mújica Rivas apresenta-nos uma análise detalhada das noções educativas que formam o alicerce do pensamento pedagógico de Santo Agostinho.

Num primeiro momento, a autora constata a inexistência de um conceito preciso de educação no pensamento agostiniano e tenta em seguida inferir as bases desse conceito a fim de atingir uma possível definição de educação. A originalidade do trabalho reside num amplo estudo linguístico e conceptual dos termos: *educatio, educare, educere, disciplina, doctrina, formatio* e *formare*. Este estudo abrange a totalidade da obra no caso da ocorrência das formas simples e conjugadas dos verbos *educare* e *formare*. No entanto, no que diz respeito aos termos *disciplina* e *doctrina*, a autora seleccionou algumas obras¹³ segundo critérios específicos, anível temático e cronológico, tentando delinear uma evolução da conceção de educação. Trata-se nomeadamente de obras de diferentes períodos característicos da evolução do pensamento de santo Agostinho, como a sua conversão, a sua ordenação (*Contra Academicos, De beata vita, Soliloquia*, etc.), ou ainda o período de maturidade intelectual onde o carácter transcendental se encontra mais presente (*Confessiones, De Trinitate e De civitate Dei*); temas morais (*De mendacio, De continentia* etc.) e naturalmente temas educativos

¹¹ macheduardo@googlemail.com

¹² Redondo, E. y Laspalas, J., *Historia de la Educación I. Edad Antigua*, Madrid, Dykinson, 1997

¹³ Ver lista de obras consultadas e critérios p. 33-38

como as obras incortornáveis *De magistro*, *De doctrina christiana*, *De catechizandis rudibus* e o sermão *De disciplina christiana*.

As dificuldades de um trabalho deste género são numerosas, nomeadamente no que diz respeito ao estudo da polissemia dos termos analisados, obstáculo bem identificado pela autora que tenta, através de um trabalho árduo de interpretação, definir os contextos de aplicação dos vocábulos em questão, atribuindo-lhes sentidos distintos e analisando os tipos de analogia existentes.

Mujica Rivas deve então enfrentar um sistema de vocabulário complexo, uma inevitável 'terminologia flutuante', expressão utilizada por Irénée Marrou¹⁴ para caracterizar essa mesma complexidade, e fá-lo através de uma análise hermenêutica do seu *corpus*, seguindo «a experiência da conversão» como ponto de referência com o objectivo de inferir uma síntese, um conceito de educação (p. 38-9). A autora põe em relevo a influência da conversão de Agostinho na evolução do seu pensamento pedagógico. É nesta perspectiva que a noção de *conversio* desempenha um papel central para a compreensão dos diferentes níveis educativos estudados, a saber: 1. *Educatio*, 2. *Disciplina/Doctrina* e 3. *Formatio*. É à luz da conversão que, segundo a autora, as noções educativas de Santo Agostinho ganham uma unidade interpretativa, visto que no seu sistema de valores a verdadeira finalidade educativa consiste na união com Deus.

O estudo é dividido em três partes distintas. Após uma introdução que nos elucida sobre o *corpus* e os métodos utilizados, uma primeira parte é consagrada à dimensão antropológica do pensamento agostiniano, onde são definidas as principais características do Homem segundo a visão agostiniana: a sua essência, origem e finalidade. É realçado o papel fulcral da liberdade, da vontade e da dinâmica do amor e da *conversio/reversio* na relação Homem-Deus. Sempre que possível, a autora faz oportunas referências às fontes pagãs de Santo Agostinho, salientando, a especifi-

¹⁴ Marrou, *Saint Augustin et la fin de la culture antique*. (Paris 1983) 245-246, citado por Mujica Rivas, p. 31

cidade do seu pensamento. Esta abordagem dos princípios antropológicos contextualiza de forma concisa os fundamentos da conceção educativa e introduz a análise linguística. Na segunda parte, Rivas dedica um capítulo a cada noção educativa (*educatio, disciplina, doctrina, formatio*) conforme a seguinte estrutura: Servindo-se do *Thesaurus Linguae Latinae* e baseando-se no pensamento de outros autores (*vide* lista de autores clássicos citados pp. 15-17) apresenta uma definição geral. Após esta pequena introdução, segue-se uma análise das várias dimensões da noção em questão (ex: dimensão moral, religiosa, intelectual, didática...) e uma síntese. As várias dimensões analisadas permitem-nos obter uma perceção multifacetada de cada noção. A noção de *disciplina*, por exemplo, é estudada como ensino, modelo, conteúdo, hábito intelectual, como método, como ordem e castigo etc.. A análise linguística e conceptual é ilustrada por vários quadros representando as ocorrências, o que constitui uma ferramenta importante para os estudiosos da vertente pedagógica do pensamento agostiniano (pp. 36-38, 129, 280). Por fim, num derradeiro capítulo, a autora faz uma síntese global, definindo o conceito de educação a partir das analogias estabelecidas entre as noções como níveis de educação, onde a *educatio*, a *disciplina* e a *doctrina* apenas constituem um meio para atingir a *formatio*, para alcançar a imagem de Deus (p. 295).

Este estudo ambicioso vem juntar-se a outras obras de relevo sobre o pensamento pedagógico de Santo Agostinho que a autora comenta brevemente em algumas páginas muito úteis consagradas ao estado da arte, onde sublinha justamente a escassez de trabalhos neste domínio e a suposta ausência de estudos dedicados a uma visão global do conceito de educação.

É com muito apreço e satisfação que acolhemos um trabalho dedicado a um conceito pouco estudado, mas fundamental para a compreensão da obra de um dos pais fundadores da cultura europeia e felicitamos a A. pelo seu valioso esforço de conceptualização e de síntese, fazendo deste livro uma referência incontornável no campo da investigação pedagógica sobre Santo Agostinho.